OS DEZ MANDAMENTOS DA PROFESSORA: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO DE DISCURSOS SOBRE A DOCÊNCIA

Ana Paula Rufino dos Santos*

RESUMO

O texto em tela representa um exercício analítico de parte do arquivo da pesquisa de doutorado desenvolvida em 2018 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, com financiamento CAPES. A pesquisa em tela elegeu um conjunto de documentos que constituem um *corpus* heterogêneo composto por textos variados que compõem o discurso pela educação básica e textos que engendram o discurso sobre o sujeito professor, e analisados como monumentos em sua articulação com outros discursos. O desenho do caminho investigativo situa o objeto de pesquisa no campo dos Estudos Culturais, o que possibilitou conceber o currículo como uma narrativa e a cultura como uma prática social. Estas são questões que serão analisadas na preleção do médico higienista de Ulisses Pernambucano à jovens professoras no contexto do século XX, na busca de refletir a respeito da produção de discursos sobre a docência e sua relação com um conjunto de atributos, comportamentos e papéis associados às meninas e às mulheres, socialmente construídos e nomeados.

Palavras-chave: Estudos Culturais; Discurso; Gênero

ABSTRACT

The text in question represents an analytical exercise of part of the archive of the doctoral research developed in 2018 in the Postgraduate Program in Education of the Federal University of Pernambuco, with CAPES funding. The research in question selected a set of documents that constitute a heterogeneous corpus composed of varied texts that make up the discourse on basic education and texts that engender the discourse on the subject of the teacher, and analyzed as monuments in their articulation with other discourses. The design of the investigative path situates the object of research in the field of Cultural Studies, which made it possible to conceive of the curriculum as a narrative and culture as a social practice. These are issues that will be analyzed in the lecture by the hygienist doctor

* Pedagoga doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atuação docente nos cursos de licenciatura em Pedagogia e na pós-graduação da Universidade Vale do Acaraú no campus Recife, na Universidade Federal de Pernambuco e na Universidade Estadual da Paraíba. Atividade técnica junto ao INEP e professora da educação básica na rede pública de ensino em Pernambuco. E-mail: rufinos.anapaula@gmail.com

of Ulisses Pernambucano to young teachers in the context of the 20th century, in the search for reflection on the production of discourses on teaching and its relationship with a set of attributes, behaviors and roles associated with girls and women, socially constructed and named.

Keywords: Cultural Studies; Discourse; Gender

Introduzindo a questão

Nas primeiras décadas do século XX, na medida em que o discurso científico toma espaço no âmbito educacional escolar, uma nova representação de professora começa a ser construída – a educadora. Sua "missão" consistiria em fornecer apoio afetivo, emocional e intelectual à criança, de modo que suas potencialidades se tornem presentes. Além de instruir, seu compromisso consiste em educar.

Nesse contexto, Louro (2011) observa que, para auxiliar a lidar com esses processos, surgem os especialistas – aqueles que detêm o conhecimento dos estágios do desenvolvimento infantil, dos procedimentos de ensino adequados para a promoção da aprendizagem, da criatividade em estabelecer as relações.

Várias teorias psicológicas e pedagógicas passam a se constituir em referenciais para a efetivação da prática docente, implicando em novas formas de relação entre sujeitos e escola, na medida em que coloca o aluno no centro do processo de ensino-aprendizagem. Isso resulta na exigência de que a professora passe a exercitar certo controle sobre a classe de formas novas, aparentemente menos disciplinadoras, mais indiretas, ainda que igualmente eficientes.

A emergência dessa nova discursividade da docência, ao mesmo tempo em que se revela como uma contra argumentação ao magistério como uma extensão das atividades maternais de cuidado, apoio emocional, acenando para um conjunto de saberes técnicos, científicos e específicos, delimitando o campo pedagógico e permitindo sua percepção como profissionais, em contrapartida, apoiado no discurso patriarcal e na moral religiosa cristã, procura deixar ver tão somente a relação da atividade docente pelas mulheres como reconhecimento social por sua melhor disposição para a tarefa de exercerem o magistério infantil, atribuindo-lhe uma vocação natural para o cuidado.

Tratava-se, portanto, de uma tentativa de reafirmação do binarismo de gênero pela manutenção do crivo da sensibilidade para o feminino e da racionalidade para o masculino, operando uma tecnologia de gênero que normaliza a atribuição do cuidado infantil ao feminino. Na medida em que sequestra da atividade do magistério seu sentido político-pedagógico, atribuindo-lhe nuances maternais.

Estas são questões que são exploradas na preleção do médico higienista de Ulisses Pernambucano[1] à jovens professoras no contexto do século XX, na busca de refletir a respeito da produção de discursos sobre a docência e sua relação com um conjunto de atributos, comportamentos e papéis associados às meninas e às mulheres, socialmente construídos e nomeados.

O texto em tela representa um exercício analítico de parte do arquivo da tese de doutorado desenvolvida em 2018 no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. A referida pesquisa elegeu um conjunto de documentos que constituem um corpus heterogêneo composto por textos variados que compõem o discurso pela educação básica e textos que engendram o discurso sobre o sujeito professor, e analisados como monumentos em sua articulação com outros discursos.

Foucault, nos Estudos Culturais, nos estudos feministas e na epistemologia de gênero. E nesse sentido contempla elementos da análise de discursos e da análise cultural. Assim textos e imagens são analisados em sua função enunciativa e nos aspectos da representação e do sujeito. A sustentação da tese se mantém pela discursividade em tempos históricos diferenciados, mas que remetam ao cenário discursivo que permitiu as condições de produção de discurso em disputa sobre o sujeito professor e, nesse sentido, orienta para um arquivo heterogêneo.

Em se tratando de uma pesquisa de gênero de abordagem qualitativa, definir uma metodologia de investigação não parece uma tarefa fácil. Nossas escolhas teóricas e metodológicas nos ajudaram na construção das categorias de análise, das lentes utilizadas para compreender como os dispositivos do aconselhamento e da premiação operam discursos sobre o sujeito professor. Elegemos do campo dos Estudos Culturais: pedagogia cultural, saber, poder, identidade; da teorização pós-critica tomamos: gênero, cultura, discurso; da intermediação entre os dispositivos culturais: linguagem, identidade, e da Análise do Discurso: as categorias de discurso, enunciados, função enunciativa, regularidades enunciativas, função-autor.

O desenho do caminho investigativo situa o objeto de pesquisa no campo dos Estudos Culturais, o que nos possibilitou conceber o currículo como uma narrativa e a cultura como uma prática social. Essa perspectiva nos permite situar à educação para além das questões

[1] O pronunciamento ocorreu na Escola Normal de Pernambuco no ano de 1923. Ano em que Ulysses Pernambucano foi nomeado diretor dessa instituição pelo então governador Sérgio Loreto. (PINTO, 1937, p. 49-50).

restritas ao ensino propriamente dito didático, mas considerando as relações de poder e os processos de subjetivação. As teorizações do currículo, tanto na discussão pós-crítica no debate das questões relativas a gênero e cultura, como também no debate pós-estruturalista sobre a linguagem, identidade constitui o arcabouço teórico conceitual, na medida em que estamos analisando discursos sobre a professora ideal na perspectiva foucaultiana. Eleger aconselhamento e premiação na qualidade de dispositivos pedagógicos como categoria de análise na perspectiva foucaultiana de discurso exigiu um trabalho intenso a fim de deixá-lo aparecer com toda a sua complexidade, e entender como os ditos sobre a "Professora ideal" se estatuem com estatuto de verdade.

Partimos do entendimento de que para realizar este trabalho seria preciso desprender da concepção de discurso como algo oculto, escondido por trás dos textos, feito apenas por signos, sem materialidade. No entendimento de Foucault, não existe nada a ser descortinado, nem totalmente na superfície; ao invés disso, o que existe são enunciados e relações que são postas em funcionamento pelo próprio discurso. Essas relações, por sua vez, são históricas, são práticas concretas e claras nos discursos. Na verdade, para Foucault tudo é prática e está imerso nas práticas de poder e saber.

Acrescenta-se, para além dos aspectos já elencados, o fato de que, no campo das pesquisas educacionais, quer sejam as pesquisas sobre a prática pedagógica ou sobre a formação de professores, tal como lembra Alves (2007, p. 89), o professor é pouco estudado de forma centralizada, estando muitas vezes engendrado em meio ao estudo a respeito da formação e prática docente, apesar de se estudarem a escola, os processos e seus sujeitos.

Essas questões parecem apontar para a necessidade de se analisar o modo como estão implicados os enunciados dos dispositivos concretos que atuam na produção de discursos de gênero aprendidos ou reaprendidos cotidianamente por homens e mulheres. Ou seja, significa considerá-los como sistemas de significação implicados na produção de identidades e subjetividades no contexto de relações de poder (SILVA, 1995, p. 142).

A análise do sujeito professor em enunciados do discurso médico revela o catedrático de psicologia do Ginásio Pernambucano e substituto das clínicas de doenças nervosas e mentais da Faculdade de Medicina do Recife na sua função autor, na medida em que constitui o elenco de orientadores, formadores e produtores de saberes e práticas educacionais que atuam no âmbito da educação, discursos de gênero como objeto de saber/poder nos espaços de formação de homens e mulheres – faculdade e escola, sendo articuladores de uma pedagogia

cultural, ou seja, como práticas discursivas constituídas por dentro de uma rede de significação relacionada com cultura, política e poder, que aciona diversos dispositivos para engendrar modos de ser professora e de ser professor por dentro do tecido cultural por meio de livros, tratados, textos jurídicos, revistas, filmes, jornais etc.

Vale lembrar, como aponta Costa (2003, p. 49), que, a partir da aproximação entre Estudos Culturais e Educação, as análises inserindo a pedagogia dentro de uma rede de significações relacionada com cultura, política e poder encontraram embasamento teórico.

Na pesquisa que deu origem ao presente texto, a preleção dirigida a professorandas e bacharelandos pelo médico, professor e psiquiatra Ulisses Pernambucano, Documento do acervo especial da Biblioteca Pública de Pernambuco, publicado pela Officinas Graphicas da Penitenciária e Detenção do Recife em 1923, são enunciados advindos da passagem da superfície linguística de texto para a de discursos correlatos ao discurso da pedagogia cultural da mídia, aqui examinados pela forma como operam certa tecnologia de gênero nas dimensões do dizível e do enunciável.

Neste recorte, o exame da memória discursiva do Aconselhamento em sua dispersão, na preleção de Ulisses Pernambucano, dirigido às professorandas e aos bacharelandos no início do século XX, pode ser tomado na qualidade de prática discursiva de manipulação de tecnologias de gênero pela interdiscursividade deste discurso médico com outros campos enunciativos, como o educacional.

A análise da preleção em questão fez emergir operadores que elaboram pedagogias implicadas com a produção de discursos sobre o sujeito professor. Significa dizer que o discurso proferido pelo médico psiquiatra Ulisses Pernambucano[2], nesta pesquisa, está sendo assumido

[2] Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho nasceu em Recife, no dia 6 de fevereiro de 1892. Foi um médico psiquiatra brasileiro que realizou diversas contribuições para a psicologia, a pedagogia e a psiquiatria no Brasil, sendo o primeiro a ocupar uma cadeira de Psicologia no estado do Pernambuco e teve um papel decisivo na reestruturação dos serviços de saúde mental desse estado, com grande repercussão no restante do país, tornando-o conhecido por ser um entusiasta da "modernização da psiquiatria" brasileira. Foi responsável pela criação da Escola para Crianças Anormais, a revista *Neurobiologia*, que perdura até a atualidade, e fundou o primeiro instituto científico autônomo, o Instituto de Psicologia de Recife. Segundo Marques de Sá (1978, p. 15) "transitava com enorme prestígio e autoridade entre a medicina, a psicologia e a educação. Sua inserção combinava rigor científico com forte engajamento político e social." Foi Diretor da Escola Normal em 1923, cargo que ocupou até 1927. Em 1928, passou a dirigir o Ginásio Pernambucano. Sua atuação e influência, conta com registros em jornais locais e revistas científicas, como de Barretto, (1992, p. 15): "no que se refere à reforma da Escola Normal, limito-me a fazer

como produtor de uma série de práticas de dever ser, sendo percebido dessa maneira por se tratar de uma ferramenta capaz de mediar processos de constituição de subjetividades implicadas com as experiências que o sujeito realiza consigo mesmo.

O exame de alguns elementos da função enunciativa ora proposta apresenta uma apreciação das posições necessárias do sujeito – os lugares enunciativos de onde falam os sujeitos e surgem os ditos, a função autor e os temas relevantes que conformam enunciados sobre o sujeito professor, atravessados por um discurso que manipula enunciados de uma tecnologia de gênero e constrói um feixe de relações com o discurso médico. Dizendo com Foucault (2006b, p. 26), para que um discurso seja pronunciado, há uma autoridade expressa, ou seja, autores designados institucionalmente pelo lugar de enunciação. São autores que exercem a função de proponentes do discurso curricular, sistematizadores do debate educativo e regularizadores do discurso curricular analisado.

Sendo assim, o autor não é entendido como um indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, nem funciona como um nome próprio, mas como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência, ou seja, com uma função autor.

Trata-se de um sujeito que possui um *status* de dizer que compreende critérios de competência e de saber, ou seja, sujeito institucional designado pelo lugar de enunciação para articular verdades e saberes de âmbito social, cultural, político e educacional.

A análise da preleção em questão fez emergir operadores que elaboram pedagogias implicadas com a produção de discursos sobre o sujeito professor. Significa dizer que o discurso proferido pelo médico psiquiatra Ulisses Pernambucano, nesta pesquisa, está sendo assumido como produtor de uma série de práticas de dever ser, sendo percebido dessa maneira por se tratar de uma ferramenta capaz de mediar processos de constituição de subjetividades implicadas com as experiências que o sujeito realiza consigo mesmo.

O exame de alguns elementos da função enunciativa ora proposta apresenta uma apreciação das posições necessárias do sujeito – os lugares enunciativos de onde falam os sujeitos e surgem os ditos,

considerações sobre as mudanças às quais assisti, uma vez que tive a felicidade de encontrá-lo pela primeira vez como aluna da Escola Normal, prestes a iniciar minha vida profissional".

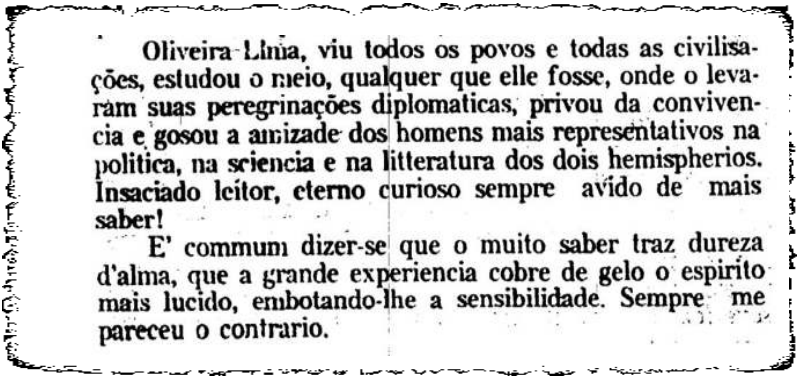
a função autor e os temas relevantes que conformam enunciados sobre o sujeito professor, atravessados por um discurso que manipula enunciados de uma tecnologia de gênero e constrói um feixe de relações com o discurso médico.

Saber e Experiência: Representações de racionalidade

A análise dos objetos que compõem o discurso de Ulisses Pernambucano deixa ver o aparecimento de novos e velhos conceitos organizados de maneira a construir uma enunciação sobre o sujeito do discurso diferente daquele presente na prédica anterior. Isso não pode ser constatado a partir da justificativa apenas de se tratar de outros profissionais para quem o texto se destina, mas por se tratar de uma nova enunciação sobre outros sujeitos.

O texto inicia fazendo destaque a duas representações de racionalidade científica como parte introdutória de uma enunciação que trará à lembrança de seus discípulos os seus mestres do conhecimento: Oliveira Lima e Annibal Freire, o que assevera uma enunciação de reafirmação do mundo racional para o masculino, como menciona Walkerdine (2007) sobre a pauta do universo do pensar pertencente ao macho, quando registra Oliveira Lima como um conhecedor de "todos os povos e todas as civilizações, estudou o meio, qualquer que ele fosse [...] insaciado leitor, eterno curioso sempre ávido de mais saber!".

Figura 1 – Fragmento do Discurso de Ulisses Pernambucano aos bacharelandos



Oliveira Lima, viu todos os povos e todas as civilisações, estudou o meio, qualquer que elle fosse, onde o levaram suas peregrinações diplomaticas, privou da convivencia e gosou a amizade dos homens mais representativos na politica, na sciencia e na litteratura dos dois hemispherios. Insaciado leitor, eterno curioso sempre avido de mais saber!

E' commum dizer-se que o muito saber traz dureza d'alma, que a grande experiencia cobre de gelo o espirito mais lucido, embotando-lhe a sensibilidade. Sempre me pareceu o contrario.

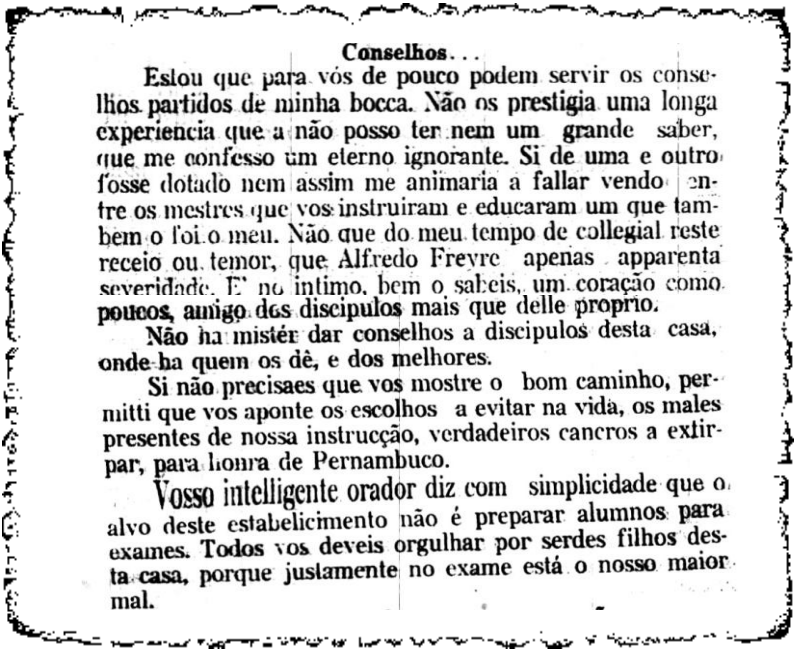
Fonte: Biblioteca Pública de Pernambuco (ACERVO: BF.869.0 (81)-5P452a).

Ao buscar essa escrita que elabora feições sobre o sujeito professor ou que faz menção a esse sujeito, levando em consideração

as performances verbais que constroem e iluminam identidades e sujeitos, observa-se a emergência de termos como: saber e experiência construindo a gramática do mestre em outro campo – o médico.

A experiência se pronuncia articulada ao saber, insurgindo como importantes ingredientes para formação de um mestre competente e admirável por sua sensibilidade: "Considero mesmo que a perfeição dos sentimentos unge de um nimbo de bondade as palavras e ações do cientista, seja ele médico ou jurista, professor ou filósofo, sociólogo ou homem de laboratório" (PERNAMBUCANO, 1923, p. 12).

Figura 2 – Conselhos de Ulisses Pernambucano às professorandas



Conselhos...

Estou que para vós de pouco podem servir os conselhos partidos de minha bocca. Não os prestigia uma longa experiencia que a não posso ter nem um grande saber, que me confesso um eterno ignorante. Si de uma e outro fosse dotado nem assim me animaria a fallar vendo entre os mestres que vos instruiram e educaram um que tambem o foi o meu. Não que do meu tempo de collegial reste receio ou temor, que Alfredo Freyre apenas apparenta severidade. E' no intimo, bem o sabeis, um coração como poucos, amigo dos discipulos mais que delle proprio.

Não ha mistér dar conselhos a discipulos desta casa, onde ha quem os dê, e dos melhores.

Si não precisaes que vos mostre o bom caminho, permitti que vos aponte os escolhos a evitar na vida, os males presentes de nossa instrucção, verdadeiros cancros a extirpar, para honra de Pernambuco.

Vosso intelligente orador diz com simplicidade que o alvo deste estabelicimento não é preparar alumnos para exames. Todos vos deveis orgulhar por serdes filhos desta casa, porque justamente no exame está o nosso maior mal.

Fonte: Biblioteca Pública de Pernambuco (ACERVO: BF.869.0 (81)-5P452a).

A análise dessa enunciação possibilita observar a justaposição de vários saberes, tais como política, ciências e literatura, que aparecem em um jogo de linguagem construindo uma representação de mestre que, ao mesmo tempo em que serve de referência para vários outros profissionais, pela forma como apresentada, obedece a um jogo de relações que conforma um sujeito que perpassa situações e atua em diversas posições com penetração em campos diversos para além da medicina, ou seja, como aponta Foucault (2004), sobre a redefinição

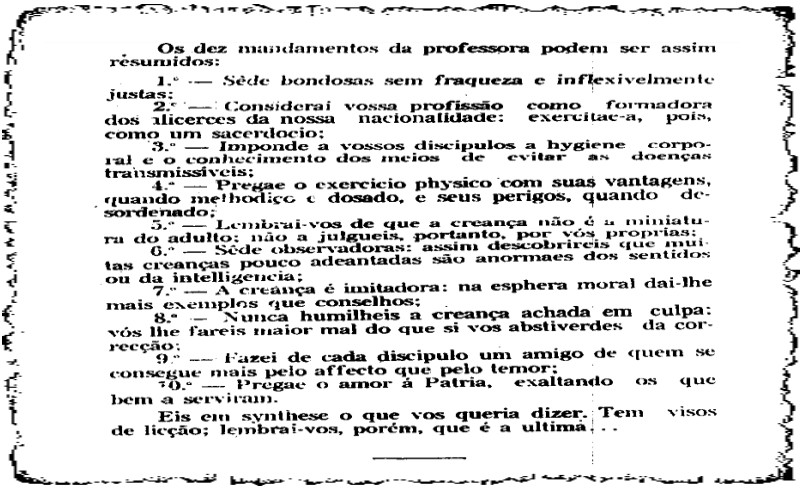
da posição do sujeito do discurso médico a partir do século XIX, são "posições que o sujeito pode ocupar na rede de informações" (p. 49), no ensino teórico ou na pedagogia hospitalar, no sistema de comunicação oral ou da documentação escrita: como emissor e receptor de observações, de relatórios, de dados estatísticos, de proposições teóricas gerais, de projetos ou de decisões.

Um feixe de relações está permanentemente em jogo, no qual está implicada a produção do médico "questionador, soberano e direto, que observa, que toca, que decifra." (FOUCAULT, 2004, p. 59), e que ao mesmo tempo inventaria uma gama de elementos distintos que fazem referência ao status de saber atribuído aos médicos, ao lugar institucional de onde falam ou à posição social como sujeitos que "percebem, observam, descrevem, ensinam e etc.". Assim, "não é mister dar conselhos a discípulos desta casa, onde há quem os dê, e dos melhores" (PERNAMBUCANO, 1923, p. 13).

O dispositivo do Aconselhamento, nesta construção discursiva, coloca em evidência dois sujeitos: o mestre e os quase mestres, revelando um diálogo, não de assimetria – o aconselhador e o aconselhado –, mas entre pares onde o primeiro aparece ocupando a função de um orador que partilha de saberes com o segundo, sugerindo o entendimento de que ambos ocupam a mesma posição de saber: "Estou que para vós de pouco podem servir os conselhos partidos de minha boca. Não os prestigia uma longa experiência que não posso ter nem um grande saber, que me confesso um eterno ignorante" (PERNAMBUCANO, 1923, p. 12).

Contudo, o status de saber da posição de mestre é acionado ao fazer referência a outros mestres: "Se de uma e outro fosse dotado nem assim me animaria a falar vendo entre os mestres que vos instruíram e educaram um que também foi o meu" (PERNAMBUCANO, 1923, p. 12). Configurando-se em uma prática discursiva através da qual o aconselhar ativa uma conjuração entre saber e experiência, elementos conceituais como discípulos, filhos, casa, honra e mestres possibilitam o desenho do mestre como aquele que é fonte, guia ou pai mesmo. Nesta análise o aconselhamento se revela como um dispositivo pedagógico de gênero por acionar uma reafirmação da autoridade paternal que, desde Santo Agostinho, coloca o mestre como aquele elo comum que fundiria o Deus-pai à sublime abnegação das trivialidades, aquele que, mesmo terreno, renuncia de sua banalidade e eleva-se à condição de semelhança de um ser supremo.

Figura 3 – Dez Mandamentos da professora



Os dez mandamentos da professora podem ser assim resumidos:

1.º — *Sêde bondosas sem fraqueza e inflexivelmente justas;*

2.º — Considerai vossa profissão como formadora dos alicerces da nossa nacionalidade: exercitae-a, pois, como um sacerdocio;

3.º — Imponde a vossos discipulos a hygiene corporal e o conhecimento dos meios de evitar as doenças transmissiveis;

4.º — Pregae o exercicio physico com suas vantagens, quando methodiço e dosado, e seus perigos, quando desordenado;

5.º — Lembrai-vos de que a creança não é a miniatura do adulto; não a julgueis, portanto, por vós proprias;

6.º — Sêde observadoras: assim descobrireis que muitas creanças pouco adeantadas são anormaes dos sentidos ou da intelligencia;

7.º — A creança é imitadora: na esphera moral dai-lhe mais exemplos que conselhos;

8.º — Nunca humilheis a creança achada em culpa: vós lhe fareis maior mal do que si vos abstiverdes da correcção;

9.º — Fazei de cada discipulo um amigo de quem se consegue mais pelo affecto que pelo temor;

10.º — Pregae o amor á Patria, exaltando os que bem a serviram.

Eis em synthese o que vos queria dizer. Tem visos de licção; lembrai-vos, porém, que é a ultima...

Fonte: Biblioteca Pública de Pernambuco (ACERVO: BF.869.0 (81)-5P452a).

A preleção de Ulisses Pernambucano, dirigido às professorandas no início do século XX, está sendo examinada nesta reflexão como uma prática discursiva que contribui para reforçar a presença do estereótipo criado para diferenciar mulher de homem a partir da reiteração e da repetição de normas a partir da interrelação entre este discurso[3] – o discurso médico higienista[4] com outros discursos, como o educacional, como o discurso da cristandade no Decálogo de Moisés e a pedagogia de Comenius.

O enunciado dos Dez mandamentos da professora delineia uma nova enunciação diferente a apresentada no Decálogo de Moisés, pois assume aqui uma forma lírica, ao articular atributos requeridos à professora – bondosa, sacerdócio, higiene corporal, observadora, exemplo, afeto, amor – aparece imbricada com enunciados dos campos religioso e médico higienista, à um conjunto de elementos discursivos de caráter mandatário, de normas, práticas ou regras a serem seguidas

[3] Biblioteca Pública de Pernambuco (ACERVO: BF.869.0 (81)-5P452a).

[4] Racionalidade que emerge na primeira metade do século XIX na Europa, quando os governantes começaram a dar maior atenção à saúde e à moral dos habitantes das cidades. Considerava-se que a doença era um fenômeno social que abarcava todos os aspectos da vida humana.

para o bem, e articulam tecnologias de gênero pela construção de discursos por uma professora ideal com elementos conceituais e práticos relativos aos modos de ser como modos de sujeição e de subjetivação.

Desta forma, atua como um dispositivo pedagógico de gênero pela capacidade de ensinar modos de ser professora ao funcionar como ferramenta de elaboração e reelaboração da relação reflexiva.

Inicialmente, cabe destacar que o entrecruzamento com o enunciado religioso dos Dez Mandamentos da professora movimenta duas representações na sua estrutura interdiscursiva com o Decálogo de Moisés: A do Criador como guia da criação e a da presença do amor divino. Diz respeito à sua relação com a sociedade a qual envolve pensamento, palavras e obras. Uma relação entre o imperfeito que não alcança o perfeito.

Na literatura da cristandade, como afirma Prota (1996). O Decálogo de Moisés teria sido a primeira tentativa bem-sucedida de delimitar a esfera da moral. O ideal de pessoa humana, oriundo da tradição hebraico-cristã, tornou-se fonte inspiradora da reflexão ocidental, pois permite uma explicação racional por constituir elementos da fé e outros de função pedagógica ou moral.

Nessa medida, o "Decálogo" da professora ao explanar uma lista de preceitos a serem seguidos pelo dever de amor, afeto, bondade e sacerdócio – "1º – Sêde bondosas sem fraqueza e inflexivelmente justas; 2º – Considerai vossa profissão como formadora dos alicerces da nossa nacionalidade: exercitai-a, pois, como um sacerdócio" (PERNAMBUCO, 1923, p. 8) –, convocam-se as professorandas a um sacerdócio, não ao exercício de uma profissão. Mas para que missão ou sacerdócio?

A atividade docente como sacerdócio encontra lugar marcado na história da educação brasileira. Os apontamentos de Almeida (2006, p. 186), ao tratar da escolarização brasileira, revelam que no Brasil do século XIX a atenção despertada para a instrução feminina se dava como algo necessário (a educação ministrada no lar), mas não importante, frente à educação masculina em instituições específicas.

Esse ideário permanece e se reconfigura no Brasil durante o século XX. Agora, o investimento em um modelo normativo de mulher e de feminilidade se evidencia construído, de um lado, por uma nova Racionalidade que emerge na primeira metade do século XIX na Europa, quando os governantes começaram a dar maior atenção à saúde e à moral dos habitantes das cidades. Considerava-se que a doença era um fenômeno social que abarcava todos os aspectos da vida humana.

Esse ideário permanece e se reconfigura no Brasil durante o século XX. Agora, o investimento em um modelo normativo de mulher

e de feminilidade se evidencia construído, de um lado, por uma nova preocupação especial com a infância, e por outro, pelo discurso religioso na condução da mulher ao lar como sua guardiã e pelo discurso médico pelo cuidado com a vida do infante, instituindo o que Rago (1997, p. 75) denominou de "o mito do amor materno" associado ao arquétipo da "esposa-dona-de-casa-mãe-de-família".

O lar se estabelece como espaço de atuação, identificação e definição do feminino, o lugar para a realização dos talentos femininos, diferentemente para o homem, para o qual está reservada a esfera pública, pois, como acrescenta Rago (1997, p. 47), no discurso médico, dois caminhos conduzem a mulher ao território da vida doméstica – o instinto natural à procriação e o sentimento de sua responsabilidade na sociedade.

É possível perceber que a arquitetura de um conjunto de "mandamentos às professorandas" supõe uma forma de "fabricação" de sujeitos. Uma fabricação no sentido que Foucault (2006), significa algo como um poder que carrega uma forma "modesta" e "calculada" pela disciplina das condutas, dos corpos: "é um poder modesto, desconfiado, que funciona a modo de uma economia calculada, mas permanente. Humildes modalidades, procedimentos menores, se os compararmos aos rituais majestosos da soberania ou aos grandes aparelhos de Estado" (FOUCAULT, 2006, p. 143).

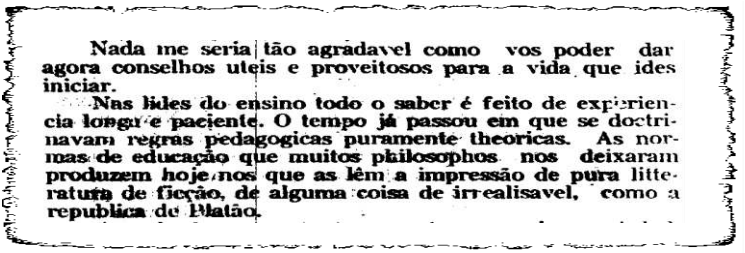
Nesta perspectiva, o decálogo da professora se reveste de sentido pedagógico na medida em que cumpre a função educativa de reelaboração do dever ser professor por um discurso moral que, ao mesmo tempo, inscreve o sujeito professor em um conjunto de regras a serem observadas para garantia de uma vida bela, o aprisiona na impossibilidade, não de seu cumprimento, na imprevisibilidade de um vir a ser sob um determinado crivo em uma determinada época. Sua gramática se organiza com proposições cujos verbos, no imperativo indicativo – Sede, Considerai, Pregai, Lembrai, Imponde, Lembrai-vos, Fazei –, com seu caráter de ordem a ser obedecida, revelam uma interdiscursividade desse texto com o discurso da moralidade de tradição cristã no Decálogo de Moisés, como pontuado anteriormente, mas opera também um regime de coexistência com o discurso do homem virtuoso aristotélico e com a ética do dever do sujeito ideal. Um jogo discursivo que possibilita apreender a sugestão de um tipo ideal de sujeito. No vocabulário pedagógico dos "Dez mandamentos da professora", as professorandas, são convocadas à obediência através de um conjunto

amplo de termos heterogêneos compostos pelo entrecruzamento de regimes discursivos diversos que implicam algum tipo de relação deste consigo mesmo para servir como base moral para outro que ainda não a alcançou.

Alguns desses termos são: sede bondosa, sede observadora, dê-lhe exemplo, não julgueis, nunca humilheis, fazei dos discípulos amigos, pregai o amor à Pátria. Tais termos, articulam-se normativamente com elementos filosóficos e terapêuticos que por um lado assumem as bases filosóficas de certa determinação moralizante e da autoridade para transmissão da cultura para a geração futura e por outro se revelam de cunho terapêutico pelo cultivo de seu interior pelo fortalecimento de suas disposições naturais com vistas à sua função educativa.

Por outro lado, cabe lembrar que essa sobreposição de uma natureza feminina como constituinte de todas as mulheres como vocacionadas ao mesmo tempo, obedientes ao interesse particular do chefe de família e capazes de produzir a virtude cívica em pauta na crítica feminista do século XVIII, aparece no discurso médico de Ulisses Pernambucano sugerindo uma suposta natureza feminina na busca por produzir uma representação da mulher-professora universal.

Figura 4 – Fragmento do Discurso de Ulisses Pernambucano às professorandas



Nada me seria tão agradavel como vos poder dar agora conselhos uteis e proveitosos para a vida que ides iniciar.

Nas lides do ensino todo o saber é feito de experiencia longa e paciente. O tempo já passou em que se doctrinavam regras pedagogicas puramente theoricas. As normas de educação que muitos philosophos nos deixaram produzem hoje nos que as lêm a impressão de pura litteratura de ficção, de alguma coisa de irrealisavel, como a republica de Platão.

Fonte: Biblioteca Pública de Pernambuco (ACERVO: BF.869.0 (81)-5P452a).

O exame deste enunciado permite dizer que o *aconselhamento* se reveste de uma aparência de orientação das práticas e da vida profissional de professoras, com a proposta de serem conselhos "úteis e proveitosos" para esse momento, o início da carreira docente. Tal apresentação expressa uma pretensão pedagógica a partir do momento em que tal enunciado é produzido num espaço que pode ser considerado como pedagógico pelo exercício do poder. Dizendo com Steinberg (1997), tais espaços "são aqueles onde o poder se organiza e se exerce", operando uma pedagogia cultural, porque ensinam verdades para jovens e, ao fazer isso, colaboram com a formação de sujeitos de certo tipo.

O objetivo de fazer com que as "professorandas", sem abandonar a racionalidade, o conhecimento científico – conhecimentos de outra natureza: "pura literatura de ficção", façam uso de conhecimentos do campo do sensível, revela que "o saber é feito de experiência longa e paciente" (PERNAMBUCO, 1923, p. 9), como em um jogo de regras específicas e de sentido que obedecem a um sistema de procedimentos e conhecimentos que associam a paciência como pertencente à natureza feminina.

Nesse discurso, a paciência pode ser considerada um operador indutivo no qual a professora se vê a si mesma na figura que educa e cuida, onde o cuidar/educar não são conhecimentos pedagógicos, mas atributos que com paciências será desenvolvidos ao longo do tempo.

Neste caso, é possível perceber a presença de uma espécie de argumentação biológica de determinação dos sexos, na medida em que a paciência tipifica a experiência e esta participa do jogo performático de valorização da professora que, por meio da prática, adquirirá o saber específico, ao mesmo tempo em que atribui uma hierarquia aos saberes da formação e o domínio dos saberes da prática[5].

Por outro lado, ao afirmar que "todo o saber é feito de experiência longa e paciente" (PERNAMBUCO, 1923, p. 9), revela uma intertextualidade com o discurso inatista de Comenius em sua recomendação da paciência como virtude a ser perseguida pelo mestre a fim de conseguir êxito na educação do homem virtuoso com os considerados menos preparados para receber o ensinamento da verdade: "podem ainda corrigir-se, mas é necessária muita prudência e muita paciência" (COMENIUS, 2006, p. 59).

Ao ser observado sob as lentes que baseiam os estudos de identidade docente, tal enunciado de valorização da prática de ensino parece aproximar-se dos discursos da atualidade pela valorização das histórias de vida, na perspectiva de trazer a trajetória de suas vivências como parte da sua formação, como elementos constituidores da identidade profissional do professor.

Nesta apreciação, a compreensão pauta-se no argumento da docência como um trabalho que requer uma gama de saberes específicos,

[5] A literatura sobre profissionalidade se posiciona em relação aos saberes da profissão docente como um conjunto de saberes da ordem da temporalidade e da heterogeneidade, distanciando-se da dicotomia entre prática e formação. Tal posição, defendida por Tardif (2000), argumenta que a noção de "saber" tem um sentido amplo, que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes, isto é, aquilo que muitas vezes foi chamado de saber, saber-fazer e saber-ser.

elaborados por entre múltiplas relações, nas quais o processo de humanização do professor e suas relações no contexto do trabalho se dão continuamente numa perspectiva dialógica.

No discurso progressista de Ulisses Pernambucano, a tarefa de ensinar se reveste de uma dimensão cultural de acúmulo de saberes que estabelece uma relação com o educando, mas, possivelmente pelo deslocamento de sentido dado à educação, ao ensino e, evidentemente, aos sujeitos educativos – aluno e professor –, agora, os conhecimentos e aquele que ensina se explicam em função de um ser em desenvolvimento e não de uma meta celestial a ser alcançada, como pensavam os inatistas.

Em seus argumentos, assim como na análise de diversos estudos sobre as bases do racionalismo ocidental, está o fato de que desde o Iluminismo, senão antes, o conceito cartesiano de razão tem estado profundamente imbricado em tentativas de controlar a natureza. A racionalidade foi escolhida para ser um tipo de renascimento do eu pensante, sem a intervenção de uma mulher, pois o eu racional era profundamente masculino, um eu do qual a mulher havia sido excluída, seus poderes considerados não apenas inferiores, mas também servis. O universo do pensar pertencia ao macho, a fêmea apenas fornecia o suporte biológico para a procriação e os serviços voltados a dar suporte ao homem.

Contudo, ainda que essa verdade tenha sua emergência em certa época, a impossibilidade de reencontrar sua força de maneira hegemônica permite afirmar que "a natureza feminina não preexiste ao desenvolvimento das doutrinas, campos de conhecimento e práticas científicas que a produziram" (WALKERDINE, 2007, p. 13). Significa afirmar que as ideias sobre razão e raciocínio não podem ser compreendidas historicamente à parte de considerações sobre gênero.

Vale lembrar que as sociedades são estruturadas em torno de relações de dominação, entre as quais estão as relações de gênero, que consideram as atividades associadas ao masculino como superiores às atividades associadas ao feminino, independentemente do sexo das pessoas que as executem.

Pensamento que tem pautado e de alguma maneira legitimado práticas de desvalorização, subalternização das relações sociais à medida que as características sexuais são representadas, valorizadas, naturalizadas e, portanto, inscritas num estatuto de verdade, fazendo-se necessário contrapor-se a esse tipo de argumentação e, como propõe Rosemberg (2001, p. 252), com quem concordamos, "investir na compreensão de que é aquilo que se diz ou se pensa sobre eles e elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico". Sendo assim,

o importante é observar não exatamente a forma como homens e mulheres vivem e se relacionam, mas, sim, as verdades que socialmente se construíram sobre os sexos.

Sendo assim, o importante é observar não exatamente a forma como homens e mulheres vivem e se relacionam, mas, sim, as verdades que socialmente se construíram sobre ambos.

Nesta análise, na base dos conselhos às professorandas encontra-se uma gama de práticas que formam um conjunto de regras do campo subjetivo que apela para elementos que sugerem certo tipo de comportamento esperado para uma professora, pois "nas lides do ensino, todo o saber é feito de experiência longa e paciente" (PERNAMBUCANO, 1923, p. 4). Ensina que às professoras cabe uma prática perseverante, quase sacerdotal de educação, especialmente da infantil, para a qual o desenvolvimento seria adquirido pela atividade contínua de cuidado paciente com as crianças.

Segundo Rosemberg e Amado (1992, p. 70), a maternagem e o trabalho doméstico se configuram em dois eixos pelos quais as mulheres são socializadas historicamente. A maternagem assevera características como carinho, atenção e amor no centro da relação da professora com as crianças, ao passo que a simultaneidade de tarefas desempenhadas pela professora representa talvez o exemplo máximo de uma habilidade que, na verdade, é uma característica do trabalho doméstico – um exemplo é a atenção dispensada a várias tarefas e o acúmulo de diversas funções ou a troca temporária de funções com vizinhos e familiares, como acontecia em classes multisseriadas rurais.

Nesse sentido, os conselhos de Ulisses Pernambucano às professorandas, examinado como um dispositivo pedagógico que se vincula aos debates educacionais à época, como discurso progressista da educação, que se revela como sendo um movimento educacional que representa uma verdadeira revolução das práticas educativas para as quais a criança passa a ser o centro da educação e da atividade escolar, com suas características próprias e seus interesses, e não mais a vontade imposta do educador. A razão para se educar não pode ser mais derivada de uma proposta de sociedade, ainda que ela exista e se imponha, mas, sim, daquilo que faz a criança querer aprender.

Considerações finais

A análise do discurso dos Dez Mandamentos da professora revelou a existência de um elenco de produtores de saberes e práticas educacionais circundantes no século XX, que atuam no âmbito da educação, discursos de gênero como objeto de saber/poder nos espaços

de formação de homens e mulheres – faculdade e escola, sendo articuladores de uma pedagogia cultural, ou seja, como práticas discursivas constituídas por dentro de uma rede de significação relacionada com cultura, política e poder, que aciona diversos dispositivos para engendrar modos de ser professora e de ser professor por dentro do tecido cultural.

Ao mesmo tempo em que "dar conselhos úteis e proveitosos para a vida que ides iniciar" estimula a produção de uma atitude de aceitação e de gratidão por parte de quem recebe por carregar elementos simbólicos da constituição de um presente, uma dádiva, uma doação, distanciando-se da ideia de uma coação ou ordem, por outro lado, atua produzindo um jogo discursivo de negação e afirmação da racionalidade em relação à subjetividade feminina, na medida em que "todo saber é feito de experiência longa e paciente" posiciona o sujeito ouvinte como um recebedor dos conselhos para o seu bem e desenvolvimento de determinados atributos úteis na prática futura.

Os enunciados ora analisados colocam em questão certa fronteira nas relações sociais sob o crivo de aspectos que, ao longo do século XX confirmam a existência de um binarismo de gênero sob o crivo da subjetividade para o feminino e a racionalidade para o masculino. Em contrapartida, refletir sobre estas questões pode ajudar-nos a começar a desconstruir os estereótipos sobre a docência e o feminino. E sugere que a busca pela compreensão de sua produção histórica na elaboração de efeitos de verdade pode criar as condições para ir além.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Vestígios para uma reinterpretação do magistério feminino em Portugal e no Brasil a partir do século XIX. In: SAVIANI, Dermeval *et al*. **O legado educacional do século XIX**. 2. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

ALVES, Nilda. No cotidiano da escola se escreve uma história diferente da que conhecemos até agora. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **A escola tem futuro?** 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

BARRETTO, Anita da Paes. Ulisses Pernambucano, educador. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 14-17, 1992. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pcp/a/QNMxzNGPP4g8J7zPB4P8QLC/?lang=pt. Acesso em: 20 maio 2018.

COMENIUS, Jan Amós. **Didática Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 36-61, 2003.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

MARQUES DE SÁ, J. Abertura do Ciclo de Estudos sobre Ulisses Pernambucano. In: **Ciclo de Estudos sobre Ulisses Pernambucano**. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978. p. 13-24.

PERNAMBUCANO, Ulisses. **Discursos**. Preleção proferida às professorandas do Colégio Santa Margarida e aos bacharelandos do Colégio Americano Batista, Recife, 31 dez. 1923. Acervo da Biblioteca Pública de Pernambuco, BF.869.0 (81)-5P452a.

PINTO, Estêvão. Ulisses Pernambucano e a Escola Normal de Pernambuco. In: Estudos Pernambucanos dedicados a Ulisses Pernambucano. Recife: Jornal do Commércio, 1937. p. 49-50.

PROTA, Leonardo. A ética no mundo contemporâneo. Arkrópolis, Londrina, v. 4, n. 3, p. 3-10, 1996.

RAGO, Luiza Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 9, p. 515-540, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia; AMADO, Tina. Escola das mulheres. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 80, p. 62-74, 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O sujeito da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, Luiz Heron et al. (org.). **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: Autêntica, 1997.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 13, p. 5-25, 2000.

WALKERDINE, Valerie. Ciência, razão e a mente feminina. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 7-24, 2007.